

# Identidade cristã e pastoral urbana: método e perspectivas

*Welder Lancieri Marchini*

**Resumo:** A vida nas metrópoles traz novos desafios à pastoral da Igreja. Para um trabalho que consiga dialogar com as grandes cidades, se faz necessário pensar em novos métodos e perspectivas pastorais. Este artigo busca pensar numa pastoral que consiga dialogar com contexto urbano e seus sujeitos. Assim partimos de três mudanças básicas que a vida metropolitana traz: a crise das instituições, a valorização do sujeito e a busca do bem-estar. A construção de um sujeito cristãos se mostra um viável parâmetro para a uma concepção pastoral que dialogue com a cidade e seus dilemas.

**Palavras-chave:** Pastoral urbana, método pastoral, identidade cristã.

**Abstract:** Life in the metropolis brings new challenges to the pastoral care of the Church. For a work that is able to dialogue with the big cities, it is necessary to think about new methods and pastoral perspectives. This article tries to think about a pastoral that can dialogue with urban context and its subjects. Thus we start from three basic changes that the metropolitan life brings: the crisis of the institutions, the valuation of the subject and the search of the well-being. The construction of a Christian subject is a viable parameter for a pastoral conception that dialogues with the city and its dilemmas.

**Keywords:** Urban pastoral, pastoral method, Christian identity.

## Introdução

O universo urbano causa grandes impactos na vivência eclesial. Há nas cidades um novo sujeito e tal realidade deve ser considerada. O ritmo de vida e a concepção de tempo e espaço da vida urbana criam uma dinâmica própria. Ao mesmo tempo as estratégias de ação pastoral ainda trazem muito do ambiente rural e interiorano, acostumado com uma sociedade

---

· Doutorando em Ciência da Religião pela PUC-SP, bolsista CAPES. Estuda a religião em contexto urbano. Participa do Grupo de Pesquisa Teopatodiceia: Espiritualidade, Cultura e Práxis, PUC-PR, e do Grupo de Pesquisa Religião e Cidade, PUC-SP. É autor na área de catequese com adolescentes e pastoral urbana. E-mail: welder.marchini@gmail.com.

que tem a Igreja como instituição hegemônica e que exerce forte influência sobre os habitantes.

Seria a metrópole uma sociedade que engendra uma nova identidade cristã? Para responder à questão buscaremos entender o sujeito metropolitano que constitui-se por uma identidade também metropolitana. A situação metropolitana coloca a pastoral católica num verdadeiro dilema: ou ela cria novas estratégias e métodos que dialoguem com a metrópole, ou será engolido por ela, se constituindo pequenos guetos que em pouco conseguem estabelecer diálogo com a cidade.

Esta condição pela qual passa o catolicismo em contexto urbano representa uma guinada copernicana na concepção pastoral católica. Os métodos pastorais pré-modernos mostram-se ineficientes para garantir uma presença significativa – e não meramente ilustrativa – da Igreja nas grandes cidades.

Buscamos neste artigo pensar a metrópole e suas características e também identificar as transformações que a cidade traz na vivência e na identidade do adepto das comunidades católicas. Por fim traremos uma reflexão quanto aos métodos pastorais que podem proporcionar a construção de um sujeito eclesial que se construa como pessoa, estabeleça relações com a comunidade eclesial e participe efetivamente da comunidade urbana.

## 1. O urbano

Quando falamos das metrópoles nos referimos às cidades formadas a partir da modernidade. Mesmo que no decorrer da história encontremos várias cidades com expressivo número de habitantes, as cidades pré-modernas não ocupavam lugar primordial na organização econômica. Estas sociedades viviam da agricultura e de produtos manufaturados e se constituíam majoritariamente de território rural (MO SUNG, 2006, p. 22). A cidade moderna se organizará a partir dos meios de produção industrializados e da mão de obra que será mantida pelo excedente, ao mesmo tempo que será possível por meio dele.

Assim, quando falamos de urbanização, assumimos o parâmetro da modernidade. Identificamos aqui os conceitos que se desenvolvem a partir da cidade como metrópole, urbanização e megacidades. Mas não é nosso objetivo pormenorizar suas peculiaridades, visto que a pastoral em ambiente urbano encontra, nos tempos atuais, equivalentes desafios, sejam nas megacidades, nas metrópoles ou nas cidades, e se fazem presentes mesmo que em grau ou intensidades diferentes.

Assumindo os conceitos de Bronger, Saviano define como metrópole

uma cidade que tem, pelo menos, um milhão de habitantes, uma densidade populacional de mais de 2 mil habitantes por quilômetro quadrado e que evidencia uma estrutura monocêntrica (em contraste com centros de concentração de cidades numa mesma região, geralmente policêntricos) (SAVIANO, 2008, p. 25).

Além de tais características, a metrópole constitui-se como um polo de concentração de instituições e atividades sejam elas políticas, culturais econômicas ou administrativas.

Já as megacidades, fenômenos mais novos que se constituíram nos chamados países em desenvolvimento, são definidos como “aglomerações urbanas monocêntricas com mais de 5 milhões de habitantes e mais de 2 mil habitantes por quilômetro quadrado da área de referência” (BRONGER, em: SAVIANO, 2008, p. 25).

As metrópoles trazem à vida cotidiana uma organização que a distingue do ambiente rural ou interiorano. Se antes o cotidiano acompanhava as plantações ou a vida natural, na metrópole a vida se organiza pelos meios de produção. Para aqueles que trabalham nos *shoppings* o domingo não mais é o dia do descanso e para muitos que trabalham nas indústrias é comum trocar o dia pela noite. Há uma descentralização da organização social. A metrópole traz consigo várias formas de organização. Muitas vezes a organização religiosa é mais uma dentre tantas outras. Se nas cidades interioranas a religião traz elementos para a organização da vida social, na vida metropolitana ela deve adequar-se ao seu entorno.

Soma-se às metrópoles latino-americanas o processo de globalização. Uma cidade não mais é pensada ou vivida isoladamente. Suas fronteiras – antes físicas – são substituídas por conexões que aproximam seus habitantes de situações e realidades longínquas. Sendo assim o habitante de uma cidade do interior do Brasil consegue ouvir uma canção típica da Índia ou assistir uma dança árabe pela tela de seu *smartphone*. Mas uma informação deve ser considerada: a globalização, na prática, não acontece predominantemente como intercâmbio, mas como uniformização de modelos que reproduzem autores hegemônicos (SANTOS, 2015, p. 19). As metrópoles ou megacidades reproduzem esses modelos.<sup>1</sup>

As megacidades ou metrópoles se organizam na perspectiva da administração do capital muito mais que na perspectiva da satisfação de seus habitantes. A migração – ou até mesmo a imigração – torna-se exemplo daqueles que, buscando melhores condições de vida, passam a habitar a periferia das grandes cidades muitas vezes em situações precárias. A marginalização das pequenas produções faz com que os habitantes de cidadelas ou áreas rurais optem pela

---

<sup>1</sup> A internet é outro elemento que traz impactos à vivência religiosa. Sobre o assunto, ler Moisés Sbardelotto (2012).

habitação na periferia ou nas favelas das grandes cidades. E se antes tais periferias eram físicas, hoje elas acontecem também como periferias existenciais. O morador de uma favela muitas vezes pode omitir a informação quanto à sua residência pelo fato de poder se desqualificar aos olhos de um possível empregador.

No campo antropológico as metrópoles constituem-se como organismos plurais. O intercâmbio de pessoas provenientes de lugares diferentes faz dessas cidades ambientes únicos, híbridos<sup>2</sup> (CANCLINI, 2013, p. XIX). Mas há um paradoxo na metrópole: ao mesmo tempo que se intensificam as trocas e a pluralidade, diminuem-se as relações afetivas. Se antes a rua era um lugar de troca de relações afetivas onde os vizinhos se encontravam em longas conversas, agora se torna um lugar impessoal e a vizinhança pouco se conhece (SAVIANO, 2008, p. 47). Há uma identidade social formada no bairro, na vizinhança e em outras formas de trocas interpessoais que na metrópole se diminuem, dando lugar às relações de consumo. Se antes a comunidade se reunia nas festas religiosas ou escolares, visando estabelecer uma relação de pertença diante dos grupos sociais, na metrópole o indivíduo estabelece relações análogas ao consumo. As festas continuam existindo. Mas a pertença a determinada instituição ou grupo social, paulatinamente, dá lugar aos interesses do indivíduo.<sup>3</sup>

Porém, ao analisarmos os fenômenos urbanos, corremos o risco de resumir a análise do urbano a partir de seus fragmentos. Segundo Libanio, “a cidade se constrói no seio da sociedade moderna com seus principais traços. Urbano ultrapassa a categoria territorial para assumir conotações econômicas, políticas, socioculturais e religiosas” (1997, p. 37). Haveria o urbano? Podemos categorizar tal situação? Ou seria a metrópole sempre um organismo plural e por isso heterogêneo, híbrido e multifacetado? Assumimos a última opção como uma tendência, tanto no estudo do processo de urbanização quanto no papel que a religião passa a exercer nas metrópoles.

Publicados em 2002, estudos já identificavam uma transição do catolicismo nas cidades, identificando um “declínio do catolicismo e aumento do pluralismo religioso na sociedade” (MARTINS, 2002, p. 61). Esse declínio identificado pela autora se refere a questões numéricas. O cristianismo católico perde seus adeptos para aqueles que se identificariam com os sem-religião ou para as igrejas evangélicas.

---

<sup>2</sup> Muitas são as formas de hibridismos evidenciadas na metrópole. Outras aparecem sutilmente. Ambas influenciam a religiosidade católica. Ver Welder L. Marchini (2015b).

<sup>3</sup> Outro fator que influencia o processo de impessoalidade nas metrópoles é a criminalidade e a violência. O anonimato do indivíduo metropolitano também possibilita uma menor visibilidade social. Somado à falta de oportunidade de emprego, ao fácil acesso ao tráfico e à exclusão social, cria-se nas metrópoles um ambiente violento e impessoal. Ver Saviano, 2008, p. 64ss.

As mudanças acerca dos números decrescentes dos católicos indicam conseqüentemente uma transformação da identidade cultural do brasileiro. diz Martins que

[...] à medida que progressivamente cresce o número de adesão religiosa a outras religiões, especialmente o de adeptos ao pentecostalismo, e amplia-se o número de indivíduos “sem religião”, ambos os movimentos constituem uma diversificação religiosa e uma nova realidade social das religiões, provavelmente destinada a se diversificar ainda mais (2002, p. 61-61).

Mas neste trabalho não queremos nos restringir a uma identificação das mudanças numéricas referentes ao catolicismo em contexto urbano.<sup>4</sup> Mais que a questão numérica, a mudança paradigmática se dá pelo declínio da hegemonia católica. Se até meados da segunda metade do século XX as cidades e seus costumes e organizações eram predominantemente católicos, no século XXI assume-se o paradigma da personalização ou da multiplicidade das identidades religiosas.

Em situações mais interioranas ou rurais, as motivações para a participação religiosa são os momentos sociais e comunitários e a religião exerce função de organizadora da vida pública. Nas metrópoles ou situações mais urbanas apresenta indivíduos que buscam a satisfação pessoal e a realização existencial (MARTINS, 2002, pp. 81-82). Não se trata de dizer que em situações mais interioranas ou rurais os indivíduos não tenham desejos ou busca de satisfação. Se trata de entender que a religião exerce maior influência sobre suas decisões e planejamentos.

Diferentemente das cidades pré-modernas, nas cidades modernas ou ainda pós-modernas a religião não ocupa lugar central, seja na organização da vida pública, seja na arquitetura. Se antes um templo religioso era o centro de uma cidade ou mesmo de um novo bairro, hoje, essa seletiva organização espacial não acontece na mesma intensidade. No contexto metropolitano a religião é reduzida ao campo privado e não mais ocupa hegemonicamente o espaço social (MO SUNG, 2006, p. 23).

A metrópole não tem um centro. Diferentemente das cidades de características interioranas que têm a praça com a igreja matriz, a escola, a delegacia e a prefeitura, além da rua do comércio, a metrópole é descentralizada. Nela encontramos regiões. Numa cidade como São Paulo tal característica é perceptível. A cidade é setorizada. Há regiões administrativas, empresariais, comerciais e culturais. Os templos religiosos se identificam com um dos tantos elementos que formam o cadinho metropolitano.

---

<sup>4</sup> Sobre os dados do Censo 2010, ver Faustino Teixeira; Renata Menezes (2013).

As idiossincrasias metropolitanas incidem seu DNA também sobre a religião. Contudo, os moldes religiosos, principalmente no que diz respeito ao catolicismo, carregam consigo um código genético próprio do ambiente rural. As procissões, catequeses e a própria organização paroquial são exemplos de cultos e estruturas que dialogam com eficácia com as sociedades pré-modernas. Buscaremos, nos próximos parágrafos, identificar qual o impacto que a sociedade urbana traz na constituição da identidade católica e do próprio sujeito católico, para posteriormente apontarmos algumas perspectivas quanto ao método pastoral que hipoteticamente consiga um diálogo com a metrópole.

## 2. O sujeito urbano

Poderíamos assumir vários parâmetros para construirmos um método pastoral que corresponda às necessidades urbanas. A desigualdade social, as grandes populações aglomeradas num território específico, a questão da mobilidade urbana, do desemprego, da violência ou tantos outros aspectos da vida urbana das metrópoles seriam perspectivas válidas e, num diálogo com tais realidades, poderíamos estabelecer um método de ação pastoral. Mas aqui nos ocuparemos da relação do sujeito metropolitano com a religião. Entendemos que uma pastoral urbana, para ser eficaz, necessita focar-se na construção de um sujeito eclesial. É claro que este sujeito está em relação e necessita ser contextualizado. Mas o parâmetro de ação pastoral em contexto urbano não mais é a inserção institucional comunitária ou eclesial, mas a formação do sujeito com consciência comunitária e eclesial.

### 2.1 Identidade do sujeito metropolitano

Na metrópole a sobrevivência do sujeito está diretamente associada à manutenção de seu emprego para a satisfação de suas necessidades básicas. Também necessita construir-se como cidadão, buscando melhor educação e qualificação profissional. O cidadão urbano se identifica com seu poder de consumo. Na metrópole vale a máxima *sou conforme consumo*. Seja a alimentação, a moradia ou mesmo o lazer, todos são consumidos.

Assim, um morador de rua precisa, para ser considerado cidadão, de organismos que reclamem por seus direitos. Sozinho ele não tem tal reconhecimento. Essa relação de auxílio institucional também acontece com outros grupos minoritários, como os sem-teto, os habitantes da extrema periferia ou mesmo grupos feministas.

O cidadão da metrópole também busca lazer. Visto que as relações interpessoais são menos intensas que nas situações mais interioranas, a metrópole oferece ampla gama de

atividades (SAVIANO, 2008, p. 70). Contudo, em meio a tais ofertas, o indivíduo metropolitano tem dificuldade de constituir-se como sujeito autônomo. O sujeito metropolitano seria constituído por suas relações de consumo (emprego, necessidades básicas e lazer).

Na definição de Alain Touraine, o sujeito moderno é formado a partir de duas forças: a racionalização e a subjetivação (2009, p. 218). Entender o sujeito apenas como aquele que se adequa às estruturas sociais seria limitá-lo historicamente ao período pré-moderno. Por outro lado, o sujeito não é pura e simplesmente a realização de seus apelos pessoais. Isso o transformaria num indivíduo que não consegue se relacionar com a sociedade e limita todas suas relações, inclusive as religiosas, análogas ao consumo.

Segundo o mesmo autor, o sujeito se caracteriza à vontade de um indivíduo de agir e de ser reconhecido como ator (2009, p. 220; 2003, p. 73). Sendo aquele que atua, o sujeito urbano constituirá sua identidade na relação com a sociedade. Não podemos dissociar o sujeito eclesial deste processo. Também a identidade eclesial está na relação com o ambiente urbano e não pode ser essencializada num conjunto de normas ou doutrinas construídas num tempo passado, mas no diálogo destes parâmetros com os tempos atuais.

A identidade não pode ser vista como algo que precede o sujeito. Ela é construída na relação com a sociedade.

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” – entre o mundo pessoal e o mundo público. [...] A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis (HALL, 2014, p. 11).

O sujeito urbano traz consigo o desejo de satisfação de suas subjetividades. Mas elas são contextualizadas. A necessidade de segurança passa pela questão social da moradia. O processo de autoconhecimento do sujeito passa pela questão da qualidade e acesso ao ensino. Os relacionamentos afetivos estão alocados na família ou mesmo nos relacionamentos comunitários. Ao perdermos de vista a dinamicidade entre a subjetividade do sujeito moderno em contato com a racionalização da sociedade, comprometemos o agir eclesial em contexto urbano.

Entender a identidade como construção é imprescindível para entendermos os processos urbanos e os habitantes das metrópoles.

[...] a questão da identidade nunca é a afirmação de uma identidade pré-dada, nunca uma profecia *auto*cumpridora – é sempre a produção de uma imagem de identidade e a transformação do sujeito ao assumir aquela imagem. A demanda da identificação – isto é, ser *para* um Outro – implica a representação do sujeito ao assumir aquela imagem. A identificação [...] é sempre um retorno a uma imagem de identidade que traz a marca da fissura no lugar do Outro de onde ela vem (BHABHA, 2013, p. 84).

Também as relações são parte da construção da identidade. No ambiente urbano onde elas são mais escassas ou mais institucionalizadas, onde muitas vezes as pessoas conversam apenas com o garçom, com o motorista de ônibus ou com o caixa do supermercado, o ambiente pastoral se dá como importante meio de aproximar as pessoas e criar ambientes de trocas com o outro.

## 2.2 Público e privado

Uma das características do universo urbano é o de separar as esferas da vida pública e privada. Enquanto a vida pública diz respeito a todos, a vida privada é assegurada ao indivíduo. Sendo assim as pessoas tendem a se tornar anônimas num ambiente que vive intensamente povoado mas onde todos são estranhos. Neste contexto a religião é delegada à esfera privada. Cada vez menos ela interfere na vivência pública, passando a dirigir seu discurso aos indivíduos da metrópole e não mais à comunidade urbana.

No ambiente urbano o padre dá instruções aos fiéis, mas não é critério de escolha para aquilo que o indivíduo fará de sua vida, sobretudo no campo privado.<sup>5</sup> No contexto urbano os templos continuam presentes. Haja vista as catedrais ou as igrejas nas praças em cidades mais antigas. A discussão não é arquitetônica. Se trata antes de percebermos o quanto a presença da Igreja incide na vida cotidiana – ou privada – dos habitantes metropolitanos.

O mundo moderno traz consigo a bandeira do indivíduo. Contudo, isso não significa o fim do público. “O problema é que o interesse da coletividade, do público, o bem comum – que são pressupostos para a existência e a realização dos desejos e interesses dos indivíduos e grupos privados – exigem sempre certo controle e renúncia dos interesses e desejos privados” (MO SUNG, 2006, p. 27).

---

<sup>5</sup> Em 2014 realizamos uma pesquisa junto a um grupo de catequese de adultos na cidade de São Paulo. Dentre os tantos aspectos que identificamos estava a dissociação entre os ensinamentos morais da Igreja Católica e as escolhas pessoais. Assim, o indivíduo recebe os ensinamentos da Igreja como instruções, mas seu bem-estar e satisfação pessoal se tornam os maiores critérios. Ver Welder L. Marchini (2015a).

Assim o urbano traz consigo certa autonomia de seus indivíduos em relação aos grupos sociais como a família, a vizinhança e a religião. As associações entre os indivíduos urbanos são voluntárias e não institucionais ou tradicionais (COMBLIN, 2002, p. 20-21).

## 2.3 Dinamismo urbano

O mundo urbano é marcado pelo dinamismo. A vivência do tempo e do espaço se articulam com uma intensidade que parece que os habitantes da cidade esperam sempre por um pouco mais de tempo. Há muitos lugares a se frequentar, muitos afazeres, tudo é longe, o trânsito complicado e não há tempo a perder. A religião é permeada por esse paradigma de dinamismo que não existia em ambiente rural. No universo rural tudo é predeterminado, tudo é parado (COMBLIN, 1999, p. 13). Não há pressa, não há correria. Os afazeres são sempre os mesmos. Há de se trabalhar a terra, cuidar dos animais e das plantas. O almoço é sempre na mesma hora. Os dias são quase sempre iguais, inclusive o domingo, visto que a terra também precisa de cuidados e os animais, de comida.

Uma diferença quanto ao domingo é que se vai à igreja. Não importa se é para a missa ou para o terço. Não há liberdade religiosa e ninguém questiona a adesão religiosa. Se aprende a ser católico desde cedo (COMBLIN, 1999, p. 12). A liberdade de escolha religiosa chega ao ambiente rural ou interiorano – nos últimos tempos – por meio da pressão midiática. Mas em muitos casos ainda reluta em se estabelecer como critério. A cidade é o ambiente da liberdade, inclusive religiosa. Consequentemente a cidade se torna espaço de comércio, inclusive o religioso (COMBLIN, 1999, p. 12-13). As mais variadas religiões encontram espaço e adeptos no ambiente urbano.

Com a perda da hegemonia católica, mudam-se também as estratégias de trabalho. Um novo método pastoral deve ser articulado para um diálogo da ação eclesial com a realidade múltipla da vida urbana. A pastoral católica no contexto metropolitano aponta cada vez mais para o diálogo com os sujeitos urbanos na construção de suas identidades e menos para a pertença comunitária ou institucional. Novos métodos se fazem necessários e buscaremos esboçar algo nesse sentido.

## 3. Presença cristã na cidade

Se o conhecimento das situações plurais e identitárias das grandes cidades se torna cada vez mais considerado por parte das pesquisas feitas sejam pela teologia, pelas ciências sociais seja pela ciência da religião, a atuação pastoral ou a própria teologia pastoral não cresce na

mesma intensidade e proporção. Sobretudo os modelos de organização paroquial não correspondem às buscas e expectativas do habitante das grandes cidades. Há ainda um modelo paroquial próprio de situações rurais e que prima pela organização e pertença institucional. Conseqüentemente a pastoral urbana assume como estratégia eficaz – mas não necessariamente eficiente – para o ambiente urbano o atendimento ao individualismo (ANTONIAZZI, 2002, p. 257).

Atender às expectativas do indivíduo não corresponde necessariamente a uma pastoral que tenha como parâmetro a pluralidade do ambiente urbano. Se o indivíduo busca a satisfação de seus interesses mais iminentes, também traz consigo uma proporcional desconexão da vida coletiva. Uma pastoral eficiente – que busque estratégias e não unicamente seus resultados – deve ir para além do imediatismo (ANTONIAZZI, 2002, p. 260), que traz à religião em contexto urbano fortes características mercadológicas.

Antoniazzi aponta como perspectiva uma pastoral que se habilite à ação nos níveis micro (pessoa), meso (grupos, comunidades e redes de comunicação) e macro (estruturas socioeconômicas e políticas) (2002, p. 262). Se pender para o indivíduo descontextualizado, a ação eclesial constrói unicamente um consumidor de religião. É preciso que o sujeito religioso esteja em relação com a comunidade eclesial, ao mesmo tempo que se sinta habitante da metrópole e participante de suas estruturas.

Trazendo a experiência da pastoral da Arquidiocese de São Paulo nas décadas de 1960 e 1970, temos um paradigma pastoral que visa:

- a Igreja particular como sujeito da ação pastoral;
- a Igreja não como finalidade em si mesma, mas como serviço, para continuar a missão de Cristo;
- a Igreja particular como encarnação no contexto próprio e específico em que vive a porção do povo de Deus que a constitui, a fim de que, entre as transformações que se sucedem na sociedade, ajude o povo a descobrir, a assimilar os elementos imutáveis, os valores que permanecem e que têm o seu fundamento em Cristo;
- renovação e criação de novas estruturas que não sejam piramidais, monopolizadoras, mas colegiadas e de comunhão (CONRADO; CARVALHO, 1994, p. 15-16).

Um método de pastoral urbana deve abdicar de projetos universais de evangelização que visam sobretudo inserir aqueles que são evangelizados num modelo pronto. Há de se afastar dos modelos colonizadores. A pastoral urbana, para ser eficiente, estabelece como critério o

diálogo com as situações presentes na própria cidade, e, como elas são plurais, também as estratégias serão diversificadas.

A presença cristã na cidade se torna mais eficaz à medida que os agentes de pastoral percebem que a paróquia não é o único ambiente de evangelização. Para Comblin, “em lugar de pensar na paróquia, de enxergar a paróquia, de buscar soluções para a paróquia, é preciso conhecer, enxergar, estudar, penetrar a própria cidade e os seus habitantes” (1999, p. 7). A paróquia urbana não deve ser entendida como fim em si mesma, mas como instância de diálogo com o ambiente urbano.

Uma questão que deve se fazer presente na pastoral urbana brasileira dentro de pouco tempo é o voluntariado do trabalho pastoral. Nele encontramos uma ambiguidade: se por um lado os leigos que se disponibilizam ao serviço de evangelização o fazem por questões de princípios e valores religiosos, por outro em ambiente urbano isso decorre num amorismo do trabalho pastoral. Os agentes de pastoral são muito prestativos e voluntariosos. Mas a cidade não aceita um trabalho pastoral que não se profissionalize. Numa sociedade que transforma inclusive as relações religiosas em relações de consumo, a profissionalização de alguns trabalhos pastorais, como por exemplo de catequistas ou de agentes de pastoral da saúde ou de pastoral da juventude, será pauta. Essa profissionalização já acontece fora de ambientes paroquiais, onde institutos religiosos contratam pessoas qualificadas para exercerem trabalhos específicos.<sup>6</sup>

Outra característica que transforma o método de ação da Igreja é o fato de o ambiente paroquial estabelecer cada vez menos diálogo com seu território. Talvez essa relação ainda aconteça na periferia das metrópoles. Quanto mais comercial ou mais central o território, menor a dialogicidade entre a paróquia e a comunidade local. Para isso é necessário que a pastoral urbana se “desparoquialize”. Não defendemos o fim da paróquia. Mas sim uma paróquia que transcenda o limite das paredes de seu templo. É preciso encontrar aqueles que não conseguem chegar até a estrutura paroquial, mas que estão na cidade. Paróquias de centros comerciais são cada vez mais esvaziadas de comunidade. Há fluxo de pessoas, mas pouca participação institucional.

---

<sup>6</sup> Há na metrópole uma relação própria com seus sujeitos. Em pesquisa realizada junto ao bairro do Tatuapé, na cidade de São Paulo, pudemos identificar as mudanças ao longo dos anos. Se na década de 1950 encontrávamos uma comunidade rural, na década de 2010 esse ambiente é eminentemente metropolitano. Há ao longo de aproximadamente 60 anos um *dégrade* na maneira como os leigos se envolvem com os acontecimentos da comunidade paroquial e seu entorno. Ver Welder Marchini; Ênio Brito (2015).

A pastoral urbana pode assumir, assim, uma postura passiva, se estabelecendo dentro das estruturas pastorais já definidas e esperando que os habitantes da cidade venham ao seu encontro, ou pode assumir uma postura ativa. Nesse caso, há de se perceber as inquietações e necessidades dos habitantes das cidades e ir ao seu encontro (COMBLIN, p. 18s.).

## 4. Um método de pastoral urbana

Seria possível falar de uma pastoral urbana? Ou a pastoral da Igreja é a mesma e por isso falaríamos apenas de uma pastoral em contexto urbano ou pastoral na cidade? Jesus pregou nas cidades (cf. Mt 10,11; 21,10; Lc 8,1). Se fez pastor com os pastores (Mt 9,36; 25,32; Mc 6,34; Jo 10), videira com agricultores (Jo 15), discutiu a lei com os fariseus (Mt 9,11-14; Mc 2,16-18). O método pastoral de Jesus nos parece ser dialógico, isso pelo menos ao fazermos uma hermenêutica dos evangelhos.

Um método de pastoral é muito mais que uma maneira de fazer pastoral, que estaria mais relacionada à didática ou metodologia do fazer pastoral. O método acontece como caminho epistemológico, como um paradigma de construção teológica (BOFF, 1998, p. 7). Sendo assim, a teologia deve se ocupar das razões e fundamentos e das críticas epistemológicas do agir da Igreja (BOFF, 1998, p. 13). Sendo a teologia pastoral uma área da teologia – alocada por muitos dentro da teologia prática –, também ela deve ser sistematizada. Mais ainda, a ação da Igreja em contexto urbano deve ser entendida dentro de sua perspectiva teológica.

Inspirados nas atitudes dialógicas de Jesus, podemos falar de uma pastoral urbana ou mesmo de uma pastoral cidadina. Mas se as cidades se mostram descentralizadas, multifacetadas, numa identidade que se constrói a partir de realidades cada vez mais particularizadas, a pastoral urbana deve se mostrar capaz de dialogar com tais realidades.

Um método não pode ser simplesmente transplantado de uma realidade a outra sem um sincero diálogo com o contexto. Sendo assim, um método pastoral que foi útil em determinado contexto ou momento histórico pode não ser a outro. Os métodos pastorais próprios do meio rural não se mostram eficazes para a ação urbana. Ainda a respeito dos métodos da ação pastoral, diz Brighenti:

O método, como pedagogia em contexto, para ser um instrumento útil, precisa sempre ser recriado segundo as condições do meio em que vai ser utilizado. Insistimos em que métodos não se transplantam, mas criam e recriam. Ao transplantá-lo, pomos o processo em função dele. Ao recriá-lo, estamos pondo-o a serviço da ação evangelizadora, que tem nas pessoas suas

protagonistas. Quando não retrabalhado, o método cai sobre a ação como uma camisa de força, tolhendo a originalidade e a criatividade. Ao ser trabalhado, torna-se um instrumento canalizador das aspirações de toda uma comunidade de fé (2000, p. 102).

Segundo Tarcísio Loro, “do ponto de vista metodológico, o conhecimento da cidade não pode dispensar o auxílio das ciências urbanas, antropológicas, sociológicas e teológicas, nem a experiência acumulada do pastor junto ao povo” (2006, p. 112). Uma pastoral que busque dialogar com o povo com o qual trabalha não pode se dissociar das experiências vividas por este povo. Evangelizar não é sinônimo de conhecer intelectualmente a pessoa de Jesus, mas pede um experimentá-lo de maneira a transformar a realidade concreta onde se vive, seja ela pessoal ou social. No evangelizar a cidade a Igreja precisa contribuir na transformação da vida urbana.

O conhecimento da realidade, do contexto urbano a que nos referimos, passa, também, pela necessidade de ouvir e procurar entender a linguagem da cidade, pela necessidade de ouvir e procurar entender a linguagem da cidade, seus códigos e formas de manifestação. Sem o conhecimento e manuseio dos códigos da cidade é quase impossível realizar um diálogo com a cidade e seus moradores. O conhecimento da linguagem urbana é condição para uma verdadeira comunicação-interação entre a Igreja e os cidadãos (LORO, 2006, p. 124).

E continua:

Importante recordar que a cidade abriga diferentes realidades, favelas, cortiços, arranha-céus, áreas residenciais nobres como condomínios fechados, palácios públicos, a rua de casa, as grandes avenidas, enfim, uma realidade complexa capaz de hospedar mundos diferentes, às vezes, até opostos. Cada um destes espaços gera uma linguagem peculiar, uma maneira própria de o cidadão falar com o outro e com a cidade (LORO, 2006, p. 124).

Essa disponibilidade dialógica da teologia com a realidade foi popularmente chamada de interação fé e vida. Assim a realidade histórica se torna ambiente onde se vive a fé ao mesmo tempo que a ilumina. Há uma reciprocidade entre a fé professada e a vida cotidiana. Tal interação se constitui num método teológico que se constitui dialeticamente (BOFF, 1998, p. 182). Um diálogo com a realidade não acontece sem uma sincera abertura por parte da comunidade eclesial. A evangelização acontece na realidade e não nos pressupostos teológicos, que na *Evangelii Gaudium* o papa Francisco chama de ideias.

Existe também uma tensão bipolar entre a ideia e a realidade: a realidade simplesmente é, a ideia elabora-se. Entre as duas deve estabelecer-se um diálogo constante, evitando que a ideia acabe por separar-se da realidade. É perigoso viver no reino só da palavra, da imagem, do sofisma. Por isso, há que postular um terceiro princípio: a realidade é superior à ideia. Isto supõe evitar várias formas de ocultar a realidade: os purismos evangélicos, os totalitarismos do relativo, os nominalismos declaracionistas, os projetos mais formais que reais, os fundamentalismos anti-históricos, os eticismos sem bondade, os intelectualismos sem sabedoria (EG 231).

Contudo há nos parâmetros pastoral católicos um ranço difícil de ser superado. Nos acostumamos com a hegemonia e temos dificuldade de valorizarmos mais os processos que os resultados (BRIGHENTI, 2000, p. 107). Na pastoral urbana, a eficácia se dá justamente pela relação que a Igreja estabelece com as comunidades locais.

As igrejas frequentadas podem trazer à pastoral urbana uma falsa sensação de que o trabalho é eficiente. Há o risco de se recorrer à pastoral de evento. Essa pode mostrar resultados numéricos. Mas o adepto de eventos é ao mesmo tempo um adepto eventual. Ele participa eventualmente das atividades que lhe convêm. Não há por parte dele uma participação comunitária.

Mais que grandes eventos ou templos e celebrações abarrotadas de pessoas, há de se valorizar a presença da Igreja. E no contexto urbano tal presença não mais é hegemônica nem acontece nas plataformas de poder. Ela se dá como serviço nas brechas, nas porosidades das estruturas de vida metropolitanas. Trabalhos com pequenos grupos, tribos urbanas, iniciativas populares e outras situações locais se mostram privilegiados ambientes de serviço pastoral.

## Considerações finais

A cidade representa para a Igreja um desafio. Mas ela se mostra, ao longo de sua história, capaz de dialogar com realidades que antes lhe eram estranhas. Assim aconteceu com o encontro da Igreja com o helenismo, depois com o Império Romano ou mesmo no Concílio Vaticano II e a tentativa de diálogo com a modernidade. A abertura dialógica se apresenta como condição metodológica para que a pastoral urbana consiga estabelecer uma significativa presença da Igreja na cidade. Outras situações se fazem presentes e se apresentam como desafios. A cidade traz em seu bojo as relações cibernéticas, o trânsito religioso e a transformação das relações sociais em prestação de serviço. Também elas causam impacto na pastoral urbana católica. Insistir em antigos métodos pode criar a falsa sensação de assegurar

a identidade católica. Longe de ignorá-los, mas apenas o diálogo de tais métodos com situações muito específicas e concretas do sujeito metropolitano pode garantir a eficiência de uma Igreja que seja presente.

## Referências bibliográficas

- ANTONIAZZI, Alberto. Perspectivas pastorais a partir da pesquisa. In: CERIS. *Desafios do catolicismo na cidade*: pesquisa em religiões metropolitanas brasileiras. São Paulo: Paulus, 2002. p. 252-267.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis; Gláucia Renate Gonçalves. 2 ed. Belo Horizonte: UFMG, 2013.
- BOFF, Clodovis. *Teoria do método teológico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- BRIGHENTI, Agenor. *Reconstruindo a esperança*: como planejar a ação da Igreja em tempos de mudança. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2000. (Coleção pastoral e comunidade).
- CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas*: estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. 4. ed. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2006. (Ensaio Latino-americanos, 1).
- COMBLIN, José. *Viver na cidade*: pistas para a pastoral urbana. São Paulo: Paulus, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Pastoral urbana*: o dinamismo na evangelização. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- COMBLIN, José. *Os desafios da cidade no século XXI*. São Paulo: Paulus, 2002. (Coleção Temas de Atualidade).
- CONRADO, Sérgio; CARVALHO, Ruth Maria de. Arquidiocese de São Paulo: a metrópole desafia a Igreja. In: ANTONIAZZI, Alberto; CALIMAN, Cleto. *A presença da Igreja na cidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992. p. 13-28.
- FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.
- LIBANIO, João Batista. Missão da Igreja na cidade: Pastoral urbana. In: FERNANDEZ, José Cobo (org.). *A presença da igreja na cidade II*: novos desafios – novas abordagens. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. p. 37-72.
- LORO, Tarcísio Justino. Perspectivas para a pastoral urbana. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, v. 14, n. 55, p. 109-133, abr./jun. 2006.
- MARCHINI, Welder Lancieri. *Plantando a cruz em chão de concreto*: o cristianismo católico em contexto de metrópole. Saarbrücken, Alemanha: Novas Edições Acadêmicas, 2015a.

- \_\_\_\_\_. Juntos e misturados: uma análise do hibridismo na religiosidade metropolitana. *Último Andar* (PUCSP. Online), v. 26, p. 125-144, 2015b.
- MARCHINI, Welder Lancieri; BRITO, Ênio J. da Costa. Entre clérigos e leigos: relatos históricos da comunidade católica do Tatuapé. *Reflexão*, v. 41, p. 61-81, 2016.
- MARTINS, Andréa Damacena. Crenças e motivações religiosas. In: CERIS. *Desafios do catolicismo na cidade*: pesquisa em religiões metropolitanas brasileiras. São Paulo: Paulus, 2002. p. 60-87.
- MO SUNG, Jung. A presença pública da Igreja no espaço urbano. In: CASTRO, Clovis Pinto de; CUNHA, Magali do Nascimento; LOPES, Nicanos. *Pastoral urbana*: presença pública da Igreja em áreas urbanas. São Bernardo do Campo: Editeo, 2006. p. 21-32.
- SAVIANO, Brigitte. *Pastoral nas megacidades*: um desafio para a Igreja da América Latina. Tradução de Monika Ottermann. São Paulo: Loyola, 2008. (Theologica).
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização*: do pensamento único à consciência universal. 24. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.
- SBARDELOTTO, Moisés. *E o verbo se fez bit*: a comunicação e a experiência religiosas na internet. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2012.
- TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). *Religiões em movimento*: o censo de 2010. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- TOURAINÉ, Alain. *Crítica da modernidade*. Tradução de Elia Ferreira Edel. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Poderemos viver juntos?* Iguais e diferentes. Tradução de Jaime A. Clasen e Ephraim F. Alves. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.